

Simpósio Internacional



Letras na América Portuguesa

Autores – Textos – Leitores

Caderno de Resumos

5 e 6 de
Junho
de 2014

Instituto de Letras Românicas da
Universidade de Bamberg, Alemanha

Institut für Romanistik – Professur für Romanische
Literaturwissenschaft/Hispanistik – Otto-Friedrich-Universität Bamberg
em parceria com o CLEPUL (Universidade de Lisboa)



CLEPUL | Centro de Literaturas
e Culturas Lusófonas
e Europeias
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

CADERNO DE RESUMOS

Simpósio Internacional
Letras na América Portuguesa. Autores – Textos – Leitores
Institut für Romanistik – Otto-Friedrich-Universität Bamberg
em parceria com o CLEPUL (Universidade de Lisboa)

Professur für Romanische
Literaturwissenschaft/Hispanistik

5 e 6 de Junho de 2014
Instituto de Letras Românicas da Universidade de Bamberg, Alemanha

Coordenação
Enrique Rodrigues-Moura (Universität Bamberg, Alemanha)
Olívia Barros de Freitas (UFRGS, Porto Alegre, Brasil)

Masterdesign: Eduardo Monteiro. Imagens: Biblioteca da Ajuda, Lisboa.

Sumário

Apresentação	3
Conferências	4
ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS EM BAMBERG: UM PROJETO EM ANDAMENTO	4
NA FUNDAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA: <i>O URAGUAI</i> , DE JOSÉ BASÍLIO DA GAMA	4
DIOGO ÁLVARES VS. MOEMA: O AMERÍNDIO E A HEROICIDADE NA ÉPICA DE SANTA RITA DURÃO	5
O MARQUÊS DE POMBAL E A INVENÇÃO DO BRASIL	5
PERO VAZ DE CAMINHA: OS CAMINHOS DE SUA CARTA	6
ESPLENDORES E MISÉRIAS, ORGULHO E DESDÉM NAS DESCRIÇÕES DAS ILHAS EXÓTICAS DO BRASIL COLONIAL	7
<i>A HISTÓRIA DO FUTURO: O APOCALIPSE IMPERIAL</i>	7
EDITAR HOJE A OBRA COMPLETA DO LUSO-BRASILEIRO PADRE ANTÓNIO VIEIRA: DESAFIOS, METODOLOGIAS E PROBLEMAS LINGÜÍSTICOS	8
HERANÇA COLONIAL NAS LETRAS BRASILEIRAS DO XIX: A INFLUÊNCIA DAS IDEIAS FRANCESAS NAS FACULDADES DE DIREITO	8
DE AFONSO RIBEIRO A LUÍS VAIA MONTEIRO, IMAGENS DO BRASIL PORTUGUÊS NA ESCRITA DE ALBERTO MUSSA	9
O LUGAR DA LITERATURA COLONIAL EM <i>A FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA</i> , DE ANTONIO CANDIDO	9
A CONTRIBUIÇÃO DOS CRÍTICOS ALEMÃES PARA A ESCRITA DA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA.	10
Sobre os conferencistas	11
AIDA COELHO LEMOS	11
ALBERTO SISMONDINI	11
BEATRIZ WEIGERT	11
ENRIQUE RODRIGUES-MOURA	12
JOACHIM MICHAEL	12
JOSÉ EDUARDO FRANCO	12
LAURA AREIAS	13
MARCEL VEJMEKA	13
MARIA EUNICE MOREIRA	13
OLÍVIA BARROS DE FREITAS	14
RICARDO G. BORRMANN	14
VANIA PINHEIRO CHAVES	14

Apresentação

Os textos produzidos na denominada América Portuguesa (1500-1822) abrangeram os mais variados campos das letras ocidentais (poesia, dramaturgia, historiografia, epistolografia, parenética, etc.). Ao mesmo tempo, foram compostos em várias línguas (português, latim, castelhano, francês, taliano, tupi-guarani, etc.) e por um número ingente de autores (José de Anchieta, Antônio Vieira, Gregório de Matos, Manoel Botelho de Oliveira, Basílio da Gama, etc.). Este Parnaso Brasileiro manteve um fluido diálogo cultural com Lisboa e inclusive com outras cidades europeias, que os processos de formação das literaturas nacionais brasileira e/ou portuguesa vieram a apagar ou desconhecer. Estes textos situados fora do denominado cânone nacional, seja este brasileiro ou português, permaneceram por longas décadas pouco lidos e mal estudados o que significou um empobrecimento ou conhecimento somente parcial das relações luso-brasileiras.

Nesses últimos decênios, ao tempo em que as universidades luso-brasileiras ganharam peso internacional e ampliaram, de modo especial no vasto âmbito das Humanidades, seus anteriormente prioritários interesses nacionais – História Nacional, Literatura Nacional, etc. –, inúmeras questões e perguntas relativas ao magno e variado espaço luso-brasileiro começaram a ganhar um assinalável peso acadêmico e curricular. Os denominados *Post-colonial Studies* e os *Transatlantic Studies* propiciaram uma revisão dos cânones literários e dos discursos da interação cultural entre o antigo Reino de Portugal e as suas colônias, com especial ênfase na América Portuguesa. As pesquisas sobre o longo século XIX, inicialmente focadas na criação e na consolidação das entidades nacionais em consonância com os discursos das elites hegemônicas, ao ampliarem os seus objetivos, propiciaram a eclosão de pesquisas comparadas com uma visão sociocultural mais abrangente.

Este simpósio visa lançar novas perguntas aos textos produzidos na América Portuguesa, à procura de interpretações e respostas mais contextualizadas sobre a complexa vida cultural dos Estados do Brasil e do Maranhão, sem depender das sempre anacrônicas e homogeneizadoras visões nacionalistas.

O Instituto de Letras Românicas da Universidade de Bamberg (*Professur für Romanische Literaturwissenschaft / Hispanistik*) organiza este Simpósio Internacional em parceria com o Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) da Universidade de Lisboa.

Os coordenadores

Conferências

ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS EM BAMBERG: UM PROJETO EM ANDAMENTO

Enrique Rodrigues-Moura (Universität Bamberg)

No âmbito da romanística, os Estudos Luso-Brasileiros estão infrarepresentados na Universidade de Bamberg. O panorama não é muito diferente na Baviera, onde só na capital é possível cursar a graduação em Português. Na muito próxima Universidade de Bayreuth, embora com recursos ainda modestos, o interesse pela África lusófona merece ser salientado, pois há anos que esta Universidade foca uma parte significativa da sua investigação e docência no continente africano. Com estes dados, pode-se afirmar que o impacto internacional da investigação e docência luso-afro-brasileira feita na Baviera possui um alto potencial de crescimento. Nesta comunicação apresentar-se-ão os primeiros passos dados nessa linha na Universidade de Bamberg: investigação, publicações, docência, convênios internacionais, intercâmbios acadêmicos, etc. Este simpósio internacional faz parte de um ambicioso projeto de criação na Universidade de Bamberg de um polo internacional de investigação e docência centrado nos Estudos Luso-Brasileiros.

Conferência de Abertura

NA FUNDAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA: *O URAGUAI*, DE JOSÉ BASÍLIO DA GAMA

Vania Chaves (CLEPUL, Universidade de Lisboa)

O título desta comunicação aponta para os seus aspectos fulcrais: a revisitação da polémica questão das origens da Literatura Brasileira que, desde a Independência do Brasil até ao presente tem sido objeto de demarcações várias e até mesmo antagónicas, e a demonstração de que *O Uruguai*, além de possuir qualidades estéticas que permitem dizer que o seu autor é dotado de talento para a criação poética, manifesta um «gênio» que já se pode chamar brasileiro, porque revela alguns traços peculiares. Esta leitura se sustenta na concepção de que a Literatura Brasileira não surgiu repentinamente após a Proclamação da Independência do Brasil em 1822, mas esteve em gestação durante o período colonial, e na descoberta de sinais de «brasilidade» mais ou menos fortes nas obras de escritores nascidos ou fixados na então colônia de Portugal. Isto não significa que se deva excluir tais autores e obras do universo da Literatura Portuguesa, pois se reconhece que a ligação metrópole-colônia abarcava todos os setores da vida social e cultural. A comprovação do gênio poético de Basílio da Gama impõe, por sua vez, a demonstração de que *O Uruguai* não é, como alguns o apresenta, um mero panfleto antijesuítico, escrito com a finalidade de tornar o autor simpático ao Marquês de Pombal, na época Primeiro-Ministro todo-poderoso de D. José I, mas sim uma bela epopeia setecentista, que retoma, de forma original e

moderna, motivos e técnicas da épica greco-latina e renascentista, modelos então obrigatórios na produção daquela espécie literária.

DIOGO ÁLVARES VS. MOEMA: O AMERÍNDIO E A HEROICIDADE NA ÉPICA DE SANTA RITA DURÃO

Olívia Barros de Freitas (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

O ameríndio foi, ao longo da trajetória da criação de textos épicos ambientados no Brasil colônia, importante pilar de sustentação temática do gênero. Sua aparição, quase sempre como antagonista ou como herói, ou ainda num misto não bem compreendido dos dois, configura índice estruturador de referência local. Este trabalho pretende examinar a composição da heroicidade e do tema ameríndio na obra *Caramuru* (1781), de Santa Rita Durão (1722-1784), valendo-se da observação de como foi composto o seu herói. Os heróis épicos foram retratados, desde o início das manifestações literárias na América portuguesa, com ares de boas letras, que visavam a mais alta sofisticação e o enaltecimento de indivíduos que apresentam, com base nas premissas contemporâneas, conflitos de ações e de heroicidade. Historicamente, a colônia, em especial, não dispunha de um grande herói nobre como antepassado ou uma grande guerra para retificar seu caráter formador nos moldes instituídos pela cultura europeia. O poema de Durão canta o mundo do sertão (que mesmo se próximo ao litoral, corresponde, em seu tempo histórico, à narrativa de um sertão, um território de selvas, de um mundo não sabido): o índio é, nesse mundo, o elemento do «mato», designado como representante do outro, da alteridade. Aspectos da construção estética do poema, como a inclusão de episódios trágicos – como o da morte da ameríndia Moema –, ou a heroicidade de Diogo Álvares, permitem-nos verificar as contradições típicas da colonização das terras brasileiras.

O MARQUÊS DE POMBAL E A INVENÇÃO DO BRASIL

José Eduardo Franco (CLEPUL, Universidade de Lisboa)

O Brasil independente, país imenso da América Latina unido pela única língua oficial que fala e que lhe foi imposta, tem um longa e complexa história de conhecimento e domínio de um conjunto vasto e diferenciado de territórios povoados por uma diversidade de etnias e nações ameríndias que falavam línguas próprias. O processo de colonização europeia, iniciado no século XVI sob égide portuguesa com fins de exploração económica e controlo político, complementado pelo processo de missão com fins de conversão religiosa protagonizado por membros de ordens religiosas católicas, com especial destaque para os Jesuítas e Franciscanos, provocou uma profunda alteração e metamorfose ambiente ecológico natural e humana daqueles territórios que se iam congregando sob governação de um Estado que se autonomizaria da potência colonial europeia que o tutelava no ano de 1822.

A nossa comunicação pretende problematizar as razões que nos permitem compreender como foi possível garantir o recorte de um país imenso na América do Sul, unificando em regime federalista tão diferentes raças, paisagens, costumes e tendo por vizinhos fronteiriços um conjunto de países resultantes da fragmentação da chamada América Espanhola que não deu origem à construção de um único país unido como aconteceu com o resultado da colonização portuguesa naquele continente. Tentaremos demonstrar, ainda que a título de uma leitura hermenêutica exploratória como prolegómeno à preparação da obra completa pombalina ainda em projeto, que as medidas políticas tomadas pelo Marquês de Pombal no período do seu consulado governativo (1750-1777) foram importantes para a construção de um Brasil imenso unido por uma língua única, tal como o conhecemos hoje. Colocaremos nesta equação problematizante as medidas de expulsão dos Jesuítas que missionavam nas línguas das nações ameríndias e detinham uma importante rede de colégios alguns de nível quase-universitário, de proibição das línguas indígenas, de imposição do português como língua única falada e ensinada em todo o território do território colonial brasileiro, de reestruturação administrativa estatizante e centralizante do território, assim como a manutenção da não autorização de criação de universidades naquela colônia. A nossa hipótese de partida será perceber que a política uniformizadora do Marquês de Pombal é incontornável para a construção do Brasil como um país tão imenso e unificado tal como conhecemos hoje.

PERO VAZ DE CAMINHA: OS CAMINHOS DE SUA CARTA

Beatriz Weigert (Universidade de Évora, CLEPUL)

Pero Vaz de Caminha, escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral, redige a *Carta de Achamento do Brasil a El-Rei Dom Manuel*, descrevendo o que vê na terra recém-encontrada. Tanto quanto refere o elemento humano, apresenta a natureza vegetal, animal e mineral. Esse documento constitui pertença da História dos dois países e firma-se como certidão de nascimento do Brasil. Sacudida pelo ludismo, a *Carta de Pero Vaz* caminha através dos tempos, nos palimpsestos dos escritores brasileiros. Oswald de Andrade, com *Pau-Brasil* (1924), exhibe, em verso, a prosa da História, somando, como faz José Paulo Paes, em *A Carta* (1954), o diário de bordo do cronista de Portugal. Sílvio Castro, com *Memorial do Paraíso: o romance do descobrimento do Brasil* (1997), em gênero misto de epistolografia, diário e drama, retém o emissor, mas substitui-lhe o destinatário, ao invés de El-Rei, convoca Maria, filha de Pero Vaz, para receber o documento. José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta, com *Terra Papagalli: A extraordinária aventura de um desterrado português em terras do Brasil quinhentista* (2000), acompanham a embarcação durante o percurso até à ancoragem na Terra Papagalli. E fazem coincidir apontamentos de 1500 e de 2000. Contudo são quadros e diálogos o que Henrique Campos Simões e Reinaldo Rocha Gonzaga, com *O Achamento do Brasil: A Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel em quadrinhos* (2000), desenham para ilustrar uma história de viagem. Dessa criatividade, o que ressalta é a energia de Pero Vaz de Caminha, detendo até hoje a rota da escrita.

ESPLENDORES E MISÉRIAS, ORGULHO E DESDÉM NAS DESCRIÇÕES DAS ILHAS EXÓTICAS DO BRASIL COLONIAL

Laura Areias (CLEPUL, Universidade de Lisboa)

Do espólio que consultei nas bibliotecas da Ilha de Itaparica e da cidade de Salvador, nos anos 90, como bolsista da Tulane University of Louisiana, dois livros, testemunhos culturais da época colonial, interessaram-me sobremaneira. Uma coletânea de escritos de naturais, de estrangeiros, passantes ou residentes na ilha, desde o século XVI, a *Monographia* (1929): relatos de naufrágios, lendas, feitos, textos históricos, poemas populares, edificação de monumentos, topónimos e antropónimos distintos, um dos quais o missionário Anchieta que por ali passou. O segundo livro é o *Florilégio da Poesia Brasileira* (Rio de Janeiro, 1946). E como o anterior, compõe-se de uma coleção de textos diversos e onde encontrei o mais interessante dos poemas antigos de exaltação de Itaparica. Aquele (ainda do século XVII) e outros, escritos a partir do séc. XVIII, de expressão auto-etnográfica, constituirão o grupo seguinte, já com preocupações literárias, poemas, encómios das riquezas tropicais. Se a classificação de ufanista é atribuída por F. Cristóvão a alguns destes textos, a designação de «texto de expressão auto-etnográfica» - da qual fazem também parte poesia de exílio, e textos da diáspora - representa a visão pós colonial de M. Louise Pratt e Ania Loomba: «retrato-testemunho (inocente) do Eu para Outro, sendo em geral esse outro o colonizador, o europeu, letrado e metropolitano, gerado com a intenção da comunicação entre dois povos». Num último grupo, os textos vistos de fora para dentro, de 1818, dos viajantes alemães Martius e Spix, pretensamente científicos. Sintetizando o pensamento das estudiosas: a visão de fora para dentro, seja em que época for, tem sido sempre duma visão, eurocentrista, em que a fusão parece impossível. Enquanto não houver esforços para a modificar não haverá respeito pela diferença, e teremos um mundo indesejavelmente uniformizado.

A HISTÓRIA DO FUTURO: O APOCALIPSE IMPERIAL

Joachim Michael (Universität Bielefeld)

A famosa *História do futuro* é enigmática, principalmente por seu carácter inacabado, já que o que conhecemos dela, é somente o «Livro antepreimeiro» que serviria apenas de introdução à obra que Antônio Vieira projetava. Esta, segundo planos que se conservaram, devia compor-se de sete livros os quais sustentariam detalhadamente a visão do Quinto Império. Vieira, portanto, nunca chegou a dar todas as explicações acerca daquele império as quais ele aparentemente já tinha preparadas. Nem o «Livro antepreimeiro» está concluído, como se nota em diversas partes. No entanto, mesmo em estado fragmentário, a *História* provocou um debate que até hoje não se pode dar por terminado. Este debate não se deve ao carácter nacionalista ou proto-nacionalista do projeto como provam as virulentas refutações pelo Santo Ofício em Portugal no século XVII. Pelo menos esta é a hipótese do presente estudo: na *História do futuro* condensa-se o pensamento apocalíptico que desde sempre envolveu o descobrimento e a conquista do quarto continente. Isto quer dizer que a América sempre foi concebida como um continente apocalíptico - e dever-se-á explicar o papel destacado que o

Brasil teve nesta visão. O que está em questão é que a colonização do continente desconhecido não significava somente a expansão (criação) do império português – na percepção de Vieira – senão a inauguração do *último* império no mundo que duraria até o fim do tempo. Porque a América dá início ao fim do mundo? Esse será o tema desta análise.

EDITAR HOJE A OBRA COMPLETA DO LUSO-BRASILEIRO PADRE ANTÓNIO VIEIRA: DESAFIOS, METODOLOGIAS E PROBLEMAS LINGÜÍSTICOS

Aida Coelho Lemos (CLEPUL, Universidade de Lisboa)

A edição de textos de estádios pretéritos da nossa língua implica um cuidadoso e complexo estabelecimento de normas de transcrição, mormente quando o seu autor é um dos nomes mais representativos da sua época e uma figura excecional na história da cultura. Na determinação dessas normas afigura-se imprescindível delimitar adequadamente os objetivos definidos para a edição, refletindo cumulativa e, usando uma expressão de Castro e Ramos (1986), estrategicamente sobre o tipo de edição, o seu público preferencial, a época a que pertencem os documentos, as edições existentes, bem como o interesse dos textos e do seu autor para estudos de índole histórico-cultural, literária ou linguística. Estes foram princípios que nortearam a adoção dos critérios de transcrição dos textos que constituem a *Obra Completa* do Padre António Vieira, cuja diversidade temática, tipológica e de fontes determinou igualmente algumas das opções tomadas e sobre as quais, à luz do trabalho já realizado, nos debruçaremos na comunicação que nos propomos apresentar.

HERANÇA COLONIAL NAS LETRAS BRASILEIRAS DO XIX: A INFLUÊNCIA DAS IDEIAS FRANCESAS NAS FACULDADES DE DIREITO

Ricardo Borrmann (LMU München)

Até fins do XIX a Faculdade de Direito do Recife e de São Paulo eram as únicas instituições superiores para o ensino jurídico no Brasil e, por conseguinte, de humanidades. A implementação dos cursos jurídicos foi inspirada no modelo da Universidade de Coimbra pós-reformas pombalinas, no final do século XVIII. O eixo França-Portugal-Brasil, através da influência marcante do modelo de Coimbra nos cursos jurídicos, é fundamental para que se compreenda o processo de circulação e recepção de ideias no campo jurídico brasileiro do XIX. Esta breve comunicação almeja abordar este conjunto de temas, circunscrevendo os conhecimentos prévios sobre o assunto. À análise histórico-conjuntural aliar-se-á uma observação das práticas de leitura e dos referenciais intelectuais brasileiros. Pretende-se compreender o contexto em que se processou a recepção de autores de fala-alemã no Brasil, bem como o significado (político) de que esta recepção se revestiu nos finais do XIX. O pensamento alemão foi acolhido especialmente por alguns intelectuais em torno da Faculdade de Direito do Recife, no Nordeste do País, com destaque para o intelectual sergipano

Tobias Barreto (1839-1889). Naquele momento a recepção de autores alemães significou uma ruptura dentro da predominância marcante do repertório francês. Esta comunicação tem por objetivo rastrear as origens desta influência francesa no pensamento brasileiro, com vistas a compreender o significado da recepção de ideias alemãs naquela conjuntura.

DE AFONSO RIBEIRO A LUÍS VAIA MONTEIRO, IMAGENS DO BRASIL PORTUGUÊS NA ESCRITA DE ALBERTO MUSSA

Alberto Sismondini (CLP, Universidade de Coimbra)

A produção literária de Alberto Mussa (Rio de Janeiro, 1961) é marcada por uma acentuada originalidade, assente no fato das suas ficções tenham a história do Brasil como pano de fundo. A presente comunicação irá debruçar-se sobre alguns contos do livro *Elegbara* (1997) e sobre o romance *O trono da rainha Jinga* (2007). Será centrada em personagens e mitos emblemáticos da vida colonial, que têm a sua génese na «carta do achamento», tais como, entre outros, o touro maranhense inscrito no mito sebastianista. Será também considerada a visão imagológica do autor na descrição da cidade do Rio de Janeiro dos séculos XVII e XVIII, antes da sua elevação a capital do país.

O LUGAR DA LITERATURA COLONIAL EM A *FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA*, DE ANTONIO CANDIDO

Marcel Vejmelka (Universität Mainz)

A Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos (1957), de Antonio Candido, é um estudo já clássico sobre a História Literária no Brasil e teve um papel fundamental na reflexão sobre a «independência literária» do Brasil e sobre os desafios de pensar conceitos como «literatura nacional» em contextos pós-coloniais. Na *Formação*, o período colonial no Brasil ocupa todo o primeiro volume – a metade do estudo completo –, fechando justamente com o passo para a autonomia da escrita literária enquanto «sistema literário» brasileiro. Portanto, se coloca uma questão complexa e instigante: Qual é o lugar e quais são as funções que Antonio Candido atribui à literatura colonial (incluindo a problemática da própria periodização) dentro da concepção do «sistema literário» brasileiro em formação? Como se concretiza nessa perspectiva a relação paradoxal – apontada por Antonio Candido desde o início – entre a ruptura com a literatura de Portugal, intencionada pelos escritores e críticos literários nacionalistas do século XIX, e a necessidade de pensar a «literatura brasileira» justamente a partir de uma «literatura comum» com Portugal? Voltando às origens daquilo que, em palavras de Candido na «Introdução» à *Formação*, é «uma história dos brasileiros no seu desejo de ter uma literatura», se articula assim uma reflexão sobre a historiografia literária com implicações ainda hoje – ou hoje ainda mais – atuais a respeito da escrita e da crítica literária.

Conferência de Encerramento

A CONTRIBUIÇÃO DOS CRÍTICOS ALEMÃES PARA A ESCRITA DA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA.

Maria Eunice Moreira (PUCRS, Porto Alegre)

Os estudos críticos sobre o processo de formação da literatura brasileira remontam ao século XIX, quando críticos estrangeiros incluíram autores nascidos no Brasil em obras relativas à história da literatura europeia. Friederich Bouterwek, Ferdinand Denis e Simonde de Sismondi, Almeida Garrett e Ferdinand Wolf, entre outros, detiveram-se no passado da produção poética para inventariar autores e textos, dos quais resultaram orientações aos brasileiros tanto no que se refere à escrita da literatura, como à proposta para uma história da literatura brasileira.

A proposta deste trabalho é a de retomar as ideias de dois historiadores pioneiros – Friederich Bouterwek e Ferdinand Wolf – para discutir a importância e a repercussão de seus estudos, na história literária do Brasil, especialmente no século XIX. Bouterwek foi o primeiro a mencionar autores do Brasil no livro *Geschichte der Portugiesischen Poesie und Beredsamkeit*, quarto tomo da série *Geschichte der Poesie und Beredsamkeit*, publicado em 1805. Ao tratar da poesia portuguesa, abriu espaço para autores do Brasil, inaugurando, assim, o registro da produção da antiga colônia portuguesa. Já Ferdinand Wolf, ao escrever em 1863 *O Brasil Literário* (História da literatura brasileira), encerra um ciclo, formalizando com sua obra, a história da literatura brasileira, pretendida pelos brasileiros, que escreveram algumas iniciativas incompletas ou mal-sucedidas, nos anos anteriores. Ao publicar essa obra, Wolf encerra uma fase da história da literatura brasileira, cujo processo terá continuidade, nos anos seguintes, no Brasil, até a *História da literatura brasileira*, de Silvio Romero. Bouterwek e Wolf, nesse sentido, constituem textos pioneiros e respondem, cada um a seu modo, pela escrita da história literária no Brasil. Por sua importância e também por sua presença no discurso historiográfico do Brasil, retomam-se suas ideias, neste evento, buscando avaliar sua contribuição na moldura histórica do II Império brasileiro.

Sobre os conferencistas

AIDA COELHO LEMOS é Membro da Equipa Coordenadora do Projeto «Vieira Global» e supervisora linguística da *Obra Completa* do Padre António Vieira. Investigadora do CLEPUL da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Concluiu o mestrado em 1997, com o tema *A Primeira Partida de Afonso X. Glossário e contributos para o estudo linguístico*, e o doutoramento em 2010, com o tema *Os Sete Tratados Cartusianos. Edição e Glossário. Contributos para o estudo linguístico*. Tem várias publicações em revistas e atas de encontros científicos, dos quais se destacam: «Discurso Literário e Edição de Texto: Naceo e Amperidónia», in *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, 2002, pp. 241-246; «Edição de Textos, Elaboração de Glossários e Estudo linguístico: a Primeira Partida de Afonso X», in Alexandre Veiga (ed.), *Gramática e léxico em sincronia e diacronia. Um contributo da Linguística portuguesa*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, 2003, pp. 143- 153.

ALBERTO SISMONDINI é Leitor de Língua Italiana na Universidade de Coimbra desde 1998, é atualmente Subdiretor do Centro de Línguas da Faculdade de Letras da mesma Universidade. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas (variante Estudos Portugueses e Espanhóis) pela Universidade de Génova e é Mestre e Doutor em Literatura Comparada e Tradução do Texto Literário pela Universidade de Siena. A sua investigação tem-se centrado na literatura brasileira, nomeadamente nos autores de origem sírio-libanesa. Lecionou nas Universidades de Siena, Perugia e Hamburgo, no âmbito do projeto Erasmus; proferiu diversas conferências, designadamente na Universidade de São Paulo e na Casa Árabe de Madrid. Membro do Centro de Literatura Portuguesa desde 2006, integra o grupo «Literaturas sem Fronteiras» coordenado por António Apolinário Lourenço. Entre as suas mais recentes publicações destaca: «Do poema-panfleto à Mail Art, o sentido de vanguarda em João Maria Vilanova» em *Impossibília, Revista Internacional de Estudos Literários*, Granada, n. 7, abril 2014; «Bildungsroman no Levante, umas andanças imagológicas» em *Imagotipos literários, processos de (des)configuração na imagologia literária*, CLP, Coimbra, 2011 pp. 244-257.

BEATRIZ WEIGERT, nascida em Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, é professora aposentada da Universidade de Évora e membro integrante do CLEPUL - Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. A licenciatura e o mestrado foram realizados Brasil, e o doutoramento em Portugal. Sua tese de doutoramento está publicada sob o título *Retórica e Carnavalização: Nélida Piñon e Maria Velho da Costa*. Atenta aos temas da retórica e do riso, é estudiosa das literaturas da língua portuguesa, dedicando-se à escrita das mulheres. Seu trabalho de investigação tem sido divulgado em publicações de órgãos especializados e em eventos científicos e culturais.

ENRIQUE RODRIGUES-MOURA é Professor Catedrático no Instituto de Letras Românicas (*Institut für Romanistik*) da Universidade de Bamberg, Alemanha. Graduou-se em Filologia Românica e Filologia Hispânica na Universidade Complutense de Madrid, onde também concluiu o seu Doutorado em Filologia Românica (*Doctor europeus*; Prémio Extraordinário de Doutorado). Fez Pós-Doutorado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL), com uma bolsa de investigação da Fundação Calouste Gulbenkian. Trabalhou como Leitor nas Universidades de Bratislava (1996-1999), Graz (1999-2003) e Viena (2001-2003), como Professor Assistente nas Universidades de Innsbruck (2003-2007) e de Göttingen (2009-2011), e como Professor Visitante nas Universidades de Göttingen (2007-2008), Bamberg (2011-2012) e Graz (2012-2014). Linhas de pesquisa: literaturas e culturas em castelhano e português dos séculos XVI e XVII; formação das identidades culturais e nacionais na América Latina; relações entre ficção, historiografia e política, assim como entre as narrativas ficcionais e factuais; teoria e prática da crítica textual.

JOACHIM MICHAEL ocupa uma cátedra de Estudos Inter-americanos e Estudos Românicos na Universidade de Bielefeld (Alemanha). É especialista em literatura e cultura da mídia na Iberoamérica (português e espanhol). Foi diversas vezes professor convidado na Universidade de Guadalajara, México (2008, 2009-2010, 2012, 2013). Elaborou uma tese pós-doc (Habilitation) na Universidade de Hamburgo (Alemanha) em 2013 com o título de *Die steinerne Geschichte. Apokalypse und Literatur in Mexiko* (*A história petrificada: apocalipse e literatura no México*). Doutorou-se na Universidade de Freiburg (Alemanha) sobre telenovelas latino-americanas (*Telenovelas und kulturelle Zäsur: intermediale Gattungspassagen in Lateinamerika*, 2010) (*Telenovelas e ruptura cultural: passagens intermediais dos gêneros na América Latina*). Co-organizou os livros *As Américas do Sul. O Brasil no contexto latino-americano* (2001), *Passagens de gêneros na cultura brasileira. Lusorama* (2003), *Massenmedien und Alterität* (2004), *Imágenes en vuelo, textos en fuga. Identidad y alteridad en el contexto de género y medio* (2004) e *Machado de Assis e a escravidão* (2010). Publicou uma série de artigos sobre violência e apocalipse na literatura e no cinema, sobre a cultura audiovisual, sobre a literatura colonial, assim como sobre a literatura dos séculos XIX e XX.

JOSÉ EDUARDO FRANCO é historiador e, atualmente, Diretor do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Doutorou-se pela EHESS de Paris. Conclui com sucesso a coordenação de vários projetos de investigação de grande fôlego, entre os quais os volumes do *Dicionário Histórico das Ordens, a Obra Completa do Padre Manuel Antunes* em 14 volumes e o projeto *Arquivo Secreto do Vaticano*, editado em 3 volumes. Da sua vastíssima bibliografia destacam-se os estudos aprofundados sobre Vieira, os Jesuítas e o Marquês de Pombal. Atualmente dirige com Pedro Calafete um grande projeto luso-brasileiro chamado «Vieira Global» que visa publicar a *Obra Completa* do Padre António Vieira em 30 volumes, preparar um *Dicionário do Padre António Vieira* e editar a obra seleta deste autor barroco em 12 línguas de grande circulação internacional. Coordena ainda o projeto «Cultura em negativo» de que resultará a publicação na INCM de um *Dicionário dos Antis* e uma *História da Cultura Portuguesa*

em Negativo. A matriz deste projeto à semelhança de outros seus já está a ser adaptada desenvolvida noutros países.

LAURA AREIAS nasceu em Portugal. Licenciatura em Filologia Clássica (U. Clássica de Lisboa), pós graduação em Pedagogia Internacional e Estudos de Desenvolvimento (Universidade de Copenhaga), PhD em Literaturas e Culturas de Língua Portuguesa (Universidade de Tulane da Louisiana, Nova Orleães). Docente em Lisboa, Budapeste, Copenhaga, Nova Orleães, Timor Leste, Porto Rico, 1971-2011. Criou e lecionou um curso de «Humor em autores lusófonos». Áreas de estudo e interesse: Literatura, estudos culturais, humor nas literaturas lusófonas e francófonas – sobre as quais tem apresentado conferências e comunicações nos cinco continentes, publicado, e editado artigos e livros. É encenadora de textos literários para teatro de fantoches. Membro Fundador da International Society for Luso-Hispanic Humor Studies, Philadelphia, 1996. Atual membro do CLEPUL, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, desde 2008.

MARCEL VEJMEKA é professor do Departamento de Espanhol e Português na Faculdade de Tradução, Linguística e Estudos Culturais (FTSK) da Universidade Johannes Gutenberg de Mainz em Gernersheim. É ex-bolsista (pós-doutorado) do International Graduate Centre for the Study of Culture (GCSC), Universidade Justus-Liebig de Giessen (2007/8); possui Doutorado em Estudos Latino-americanos/Brasileiros na Freie Universität Berlin (2004); graduação em Tradução Português/Espanhol na Humboldt-Universität zu Berlin (2000). Tem experiência na área de Literatura, Cultura e Tradução, com ênfase em Literatura brasileira e hispano-americana, atuando principalmente nas áreas de tradução literária, literatura comparada e teoria literária.

MARIA EUNICE MOREIRA é atualmente professora titular da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e pesquisadora do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico. É editora da revista *Letras de Hoje*, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, desde 2007, e editora da revista binacional *Navegações - Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*, com Vania Pinheiro Chaves, da Universidade de Lisboa, desde 2007. É membro do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL). Possui graduação em Letras e graduação em Ciências Jurídicas e Sociais. Coursou Especialização em Teoria Literária na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1977); Mestrado em Linguística e Letras (Teoria Literária) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1979) e doutorado em Linguística e Letras (Teoria Literária) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1989). Tem também Especialização em Língua e Literatura Espanhola pelo Instituto de Cooperación Iberoamericana, da Espanha, (1983). Realizou estágio pós-doutoral na Fundação Biblioteca Nacional de Lisboa, em Portugal, (2001), com bolsa da CAPES.

OLÍVIA BARROS DE FREITAS é doutoranda em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil, bolsista do programa CAPES - PDSE na Universidade de Bamberg. É mestre em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB), instituição em que também realizou duas graduações na área de Letras, Língua Portuguesa e Respectiva Literatura. Foi professora de diversos órgãos de ensino brasileiros e servidora federal no Ministério da Educação. No último ano atuou como professora em estágio docente das disciplinas «Literatura Brasileira B» e «Panorama Cultural da Literatura Brasileira» do curso de Letras da UFRGS. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em literatura, crítica da história literária, literatura brasileira, poesia, educação.

RICARDO G. BORRMANN é formado em ciências sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 2007) e mestre em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense (UFF, 2009). Desde 2012 faz o doutoramento em História Cultural na Universidade de Munique (LMU) com bolsa do Serviço de Intercâmbio Acadêmico Alemão (DAAD). Seu tema de pesquisa versa sobre a recepção dos acadêmicos de fala-alemã Rudolf von Jhering, Ernst Haeckel e Hans Kelsen no Brasil, em uma perspectiva multidisciplinar e transatlântica, voltada portanto para os processos de circulação e apropriação cultural de ideias. No Brasil está vinculado ao grupo de pesquisadores do Laboratório Cidade e Poder e a Passagens – Revista Internacional de História Política e Cultural Jurídica, do qual é assistente editorial, ambos vinculados ao Programa de Pós-Graduação em História da UFF.

VANIA PINHEIRO CHAVES é Professora Associada (aposentada) do Departamento de Literaturas Românicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Coordenadora do GI 6 (Brasil-Portugal. Cultura. Literatura. Memória) do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) da mesma Universidade. Mestre e Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de Lisboa. Docência e investigação: Literatura e Cultura Brasileira. Livros: 2013, *Flagrantes da literatura brasileira da Belle Époque* (org. e estudo introd.); 2011, *Literatura Brasileira sem Fronteiras* (org. e estudo); 2011, *Mário Dionísio, [Érico Veríssimo] Um romancista brasileiro* (ed. anotada); 2000, *O Despertar do gênio brasileiro. Uma leitura de O Uruguai de José Basílio da Gama*; 1997, *O Uruguai e a fundação da Literatura Brasileira*. Editora (com Maria Eunice Moreira) de *Navegações. Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*. PUCRS/CLEPUL. Semestral, vol. 1-7.



Professur für Romanische
Literaturwissenschaft/Hispanistik



CLEPUL | Centro de Literaturas
e Culturas Lusófonas
e Europeias
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa